

Véspera da morte de Robespierre, na Revolução Francesa

A morte do líder marca o começo do fim do período mais sombrio do processo revolucionário, conhecido como “Terror”, que se estendeu entre 1793 e 1794

Por Diego Viana

Valor, 01/10/2025

Quem pensa em Revolução Francesa (1789-1799) costuma pensar em guilhotina. E nenhum personagem está mais associado a essa máquina de matar do que Maximilien François Marie Isidore de Robespierre, o líder “montagnard” que, depois de levar muita gente ao cadafalso, foi por sua vez decapitado pela famosa “Viúva” em 28 de julho de 1794 — ou, no calendário da revolução, 10 de Termidor do ano II.

A morte de Robespierre marca o começo do fim do período mais sombrio do processo revolucionário, conhecido como “Terror”, que se estendeu entre 1793 e 1794. O dia que precede a execução do mais conhecido arquiteto do Terror, ou “9 de Termidor”, constitui uma das “jornadas” decisivas da década em que a França virou do avesso. É a história desse dia que o historiador britânico Colin Jones narra em “A queda de Robespierre: 24 horas que definiram o rumo da Revolução Francesa”.

O resultado é um relato “microscópico, multi-camadas e multi-perspectivas”, nas palavras do próprio autor, que só se tornou possível porque se trata do dia “mais bem documentado em todo o século XVIII”.

Parte da riqueza de fontes se deve aos esforços de Paul Barras, um dos líderes da insurreição, que ordenou às autoridades locais recolher todo tipo de informação, detalhadamente, com intervalos exatos de até 15 minutos. Barras esperava, com isso, verificar suspeitas e aprender verdades insuspeitas. Cartas, notícias de

jornal, cartazes e documentos administrativos e judiciais completam o mapa das referências.

As cinco partes do livro são divididas não em capítulos, propriamente, mas em marcações de tempo e lugar. Com a passagem do dia e o avanço dos eventos, os intervalos vão ficando mais curtos. Todos os lugares são endereços de Paris, cidade que tem quase um estatuto de personagem na narrativa. Como informa o autor em suas notas introdutórias, “o diálogo é todo retirado diretamente das fontes: nenhum é inventado e a adaptação é mínima”.

Ao concentrar a ação em um dia, com inúmeros personagens, célebres e desconhecidos, fazendo suas escolhas no calor da hora, Jones consegue mostrar que não havia nada de determinado na queda e muito menos na morte de Robespierre. Apesar das rugas com outros líderes do Comitê de Salvação Pública e do crescente desconforto na população de Paris com o dia a dia do Terror, ele ainda estava na crista da onda, vencedor de batalhas e orador sem par, quando seu destino foi selado.

Ainda assim, a jornada do 9 de Termidor marca uma inflexão na trajetória da revolução, que se radicalizava paulatinamente desde a queda da Bastilha em 14 de julho de 1789, passando pela derrubada da monarquia em agosto de 1792, até culminar no Terror.

A partir da queda de Robespierre, ela começa a se tornar mais conservadora. A “reação termidoriana” levou à aprovação da Constituição do Ano III (1795), que iniciou o período mais moderado conhecido como “Diretório”. Em 1799, contudo, a trajetória desaguou em Napoleão Bonaparte, que se sagrou imperador em 1804, inaugurando outra etapa histórica.

A minúcia de Jones revela que os algozes de Robespierre não queriam necessariamente encerrar o Terror ou impor a mudança de rota do processo revolucionário. Alguns líderes da insurreição eram colegas seus no governo e apoiadores da lei de exceção

conhecida como “22 de Prairial”, que, nos dois meses anteriores, havia provocado a rápida intensificação das mortes na guilhotina. O que desejavam era se livrar de um membro destacado, que vinha acumulando poder em excesso.

O gatilho foi o discurso de Robespierre em 8 de Termidor, acusando outros líderes pelo Terror e propondo expurgos no Comitê de Salvação Pública. Essas palavras voltaram alguns de seus amigos contra ele e incentivaram indecisos a tomar posição.

A conspiração, segundo Jones, foi um tanto improvisada. Seu sucesso se deve mais às hesitações do próprio Robespierre e seus apoiadores do que à capacidade de planejamento e execução. Para os destinos da França, o mais decisivo foi sua rápida resolução, já que a morte do derrotado se deu no início da tarde do dia 10, estabelecendo um fato consumado.

Jones é professor de história da França na Universidade Queen Mary, em Londres. Sua obra mais conhecida é “Paris: Biografia de uma cidade” (2004). Um dos méritos do autor no novo livro é contar as histórias individuais dos participantes com um estilo agradável e direto. No quadro que emerge, a “intriga palaciana” consagrada pela historiografia, em que a população exhibe indiferença, dá lugar a uma inflamação urbana, caótica e febril.

Quando o livro foi publicado em língua inglesa, em 2021, a crítica logo estabeleceu uma associação entre o cenário político esgarçado de Paris em 1794 e a polarização entre republicanos e democratas nos EUA. A invasão do Capitólio ocorrera em janeiro, e os leitores se perguntavam: microdecisões ou pequenos acasos poderiam ter levado a um resultado diferente?

Embora provavelmente exagerada, a comparação é instrutiva. Em qualquer momento decisivo da história, o que conta mais? A grande narrativa ou a infinidade de minúsculos encontros, atritos, escolhas? Da queda da Bastilha aos breves momentos de caos pós-eleitoral, a pergunta continua a se apresentar.

A queda de Robespierre - Colin Jones. Trad.: Diego Franco
Gonçales. Crítica. 672 págs., R\$ 159,90